

## EDUCAÇÃO E CULTURA POPULAR NO BRASIL, APÓS A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

M. M. DE PAIVA

Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-1123-342X>  
[marluciapaiva@hotmail.com](mailto:marluciapaiva@hotmail.com)Submetido 15/05/2024 - Aceito 30/06/2024  
DOI: 10.15628/holos.2024.17409

## RESUMO

Com o avanço do capitalismo no mundo, especialmente após a Segunda Guerra Mundial, surgiu a necessidade de alfabetização das populações, embora essa ação tenha ocorrido de forma desigual entre países desenvolvidos e periféricos. No Brasil não foi muito diferente, neste país, as diferenças foram entre as regiões. No Nordeste do Brasil, uma das regiões menos desenvolvidas, nas décadas de 1950 e 1960, ocorreram algumas experiências de Educação Popular. 1) Em 1958, a Arquidiocese de Natal (RN) iniciou o trabalho de alfabetização, utilizando o rádio, com populações na periferia de sua capital, Natal, logo se estendendo para o meio rural, seu ponto mais forte. O sucesso dessa experiência levou à extensão dessa ação educativa para as regiões ditas subdesenvolvidas do país: Norte, Nordeste e Centro-Oeste, por meio de um convênio entre a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) e o Governo Federal. Dessa forma, foi criado o Movimento de Educação de Base (MEB), que desenvolveu uma ação missionária, desenvolvimentista e libertária, com a presença marcante dos leigos da Ação Católica. 2) A cidade de Natal, que havia eleito um prefeito de orientação progressista, Djalma Maranhão, com sua Secretaria de Educação, e um grande número de intelectuais, criou um extenso programa de alfabetização, chamado "De pé no chão você também aprende a ler", que construiu escolas feitas de

palha de coco e piso de barro, devido à falta de financiamento dos governos estadual e federal, então, seus oponentes. Essas duas experiências lembram a Institución Libre de Enseñanza (ILE) na Espanha, uma experiência educacional que contou com uma presença massiva de intelectuais em suas fileiras. 3) A terceira experiência, em 1963, foi realizada pelo recém-eleito Governo do Estado, com tendência desenvolvimentista, que, por meio de seu Secretário de Educação, Calazán Fernandes, convidou Paulo Freire para testar sua experiência de alfabetização na cidade de Angicos. Dentro do RN, e assim nasceu a famosa experiência educacional, As Quarenta Horas de Angicos, quando aquele educador, pela primeira vez, desenvolveu seu sistema de alfabetização, em maior escala, que se tornou conhecido em todo o mundo, pois ensinava as pessoas a ler e escrever em apenas 40 horas. Paulo Freire, para este trabalho, formou alunos da Universidade Federal do Rio Grande do Norte-UFRN. Infelizmente, todos esses experimentos foram podados por governos totalitários, incluindo o ILE espanhol. No Brasil, não sobrou quase nada, pessoas foram presas, exiladas, inclusive Paulo Freire, e materiais didáticos foram queimados ou jogados em rios. Os professores, os monitores, estavam com medo, só porque estavam ensinando pessoas pobres e necessitadas a ler e escrever, ou como diziam, estavam com "sede de saber".

PALAVRAS-CHAVE: Educação. Cultura popular.

## EDUCACIÓN Y CULTURA POPULAR EN BRASIL, DESPUÉS DE LA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

## RESUMEN

Con el avance del capitalismo en el mundo, especialmente después de la Segunda Guerra Mundial, surgió la necesidad de alfabetización de las poblaciones, aunque esta acción se ha dado de manera desigual entre los países desarrollados y periféricos. En Brasil no era muy diferente, en este país, las diferencias eran entre las regiones. En el Nordeste de Brasil, una de las regiones menos desarrolladas, en las décadas de 1950 y 1960, hubo algunas experiencias de Educación Popular. 1) En 1958, la Arquidiócesis de Natal (RN) inició el trabajo de alfabetización, utilizando la radio, con poblaciones en la periferia de su capital, Natal, extendiéndose pronto al ambiente rural, su punto más fuerte. El éxito de esta experiencia llevó a la extensión de esta acción educativa a las llamadas regiones subdesarrolladas del país: Norte, Nordeste y Centro-Oeste, a través de un acuerdo entre la Conferencia Nacional de Obispos de Brasil (CNBB) y el Gobierno Federal. De esta manera, se creó el Movimiento de Educación Básica (MEB), que desarrolló una acción misionera, desarrollista y libertaria, con la marcada presencia de los laicos de la Acción Católica. 2) La ciudad de Natal, que había elegido a un alcalde de orientación progresista, Djalma Maranhão, con su Departamento de Educación, y un gran número de intelectuales, creó un extenso programa de alfabetización, llamado "De pie en el suelo también se aprende a leer", que construyó escuelas hechas de paja de coco y pisos de arcilla, Debido a la falta de

financiamiento de los gobiernos estatal y federal, entonces, sus opositores. Estas dos experiencias recuerdan a la Institución Libre de Enseñanza (ILE) en España, una experiencia educativa que contó con una presencia masiva de intelectuales en sus filas. 3) La tercera experiencia, en 1963, fue llevada a cabo por el recién electo Gobierno del Estado, de tendencia desarrollista, que a través de su Secretario de Educación, Calazán Fernandes, invitó a Paulo Freire a poner a prueba su experiencia de alfabetización en la ciudad de Angicos. Dentro de RN, y así nació la famosa experiencia educativa, Las Cuarenta Horas de Angicos, cuando ese educador, por primera vez, desarrolló su sistema de alfabetización, a mayor escala, que se dio a conocer en todo el mundo, ya que enseñaba a las personas a leer y escribir en solo 40 horas. Paulo Freire, para este trabajo, formó a estudiantes de la Universidad Federal de Rio Grande do Norte-UFRN. Desgraciadamente, todos estos experimentos han sido podados por gobiernos totalitarios, incluido el español ILE. En Brasil, no quedaba casi nada, la gente fue arrestada, exiliada, incluido Paulo Freire, y los materiales didáticos fueron quemados o arrojados a los ríos. Los maestros, los monitores, tenían miedo, solo porque estaban enseñando a leer y escribir a gente pobre y necesitada, o como decían, estaban "sedientos de conocimiento".

PALABRAS CLAVE: Educación. Cultura popular.



## 1 INTRODUÇÃO

O avanço do mercantilismo e o desenvolvimento simultâneo das cidades foram eventos que marcaram a trajetória global da alfabetização. A instrução escolar, com as atividades de leitura, escrita e contagem, tornou-se necessária para o progresso e expansão das atividades econômicas e civilizatórias da nova sociedade que se formava: a sociedade capitalista. A Reforma Protestante também contribuiu para a consolidação do movimento de alfabetização, embora tenha sido uma ação mais situada no continente europeu. Por outro lado, a Contra-Reforma, mesmo como reação à Reforma, criou escolas que iam além da alfabetização, por excelência a Companhia de Jesus, da ordem jesuíta, com atuação em todo o mundo.

Esse aumento da alfabetização, a partir desses marcos iniciais, foi ampliado com o desenvolvimento, no mundo ocidental, do capitalismo e de sua ideologia: o liberalismo. O chamado "primeiro mundo", países da Europa Ocidental e América do Norte, particularmente do século XVIII. Logo procuraram reduzir a alfabetização de suas populações, embora fosse oferecida uma educação desigual: de melhor qualidade para os setores mais poderosos e de menor qualidade para os setores mais empobrecidos. Um dos precursores desses movimentos, Bernard Mandeville (1670-1733), expressa muito bem esse medo

Para tornar a sociedade feliz e manter as pessoas felizes, mesmo nas circunstâncias mais humildes, é indispensável que a maioria delas seja pobre e completamente ignorante. O conhecimento amplia e multiplica nossos desejos, e quanto menos coisas um homem aspira, mais facilmente seus desejos podem ser satisfeitos. O bem-estar e a felicidade de cada estado ou reino, portanto, exigem que o conhecimento da classe trabalhadora seja confinado à esfera de suas ocupações e que nunca se estenda (no que diz respeito às coisas visíveis) além do que se refere à sua profissão (Mandeville, 2001, p.190) (In: Ferraro, pág. 38,39)

No mundo periférico ao capitalismo, particularmente na América Latina,<sup>1</sup> o movimento pela alfabetização ocorreu tardiamente, em analogia com o mundo desenvolvido. Em nossos estudos, observamos que, no séc. No século XX, houve movimentos de combate ao analfabetismo nessa região em vários momentos históricos: Cuba, em 1961, como resultado da Revolução Cubana; Brasil de 1958 a 1963, época de validade democrática: As Escolas de Rádio, da Arquidiocese de Natal (1958), Movimento de Cultura Popular-MCP, do Município do Recife (PE), em 1960, Movimento de Educação Básica-MEB, da Igreja Católica e do Governo Federal (1961), Campanha de Educação Popular da Paraíba-CEPLAR, Centro Popular de Cultura-CPC, da União Nacional dos Estudantes-UNE, Pie en la Tierra también aprende a leer campaign-Prefeitura do Natal (1961), As Quarenta Horas de Angicos, Paulo Freire e o governo do RN (1963); Nicarágua (1980), fruto do sandinismo, entre outros. O foco de nosso estudo é o Nordeste brasileiro e os diversos movimentos de educação popular ocorridos nesse período: década de 1950 e início da década de 1960, até o golpe de Estado de abril de 1964.

<sup>1</sup> Este estudo, que começa na era contemporânea, não abrange as civilizações do Leste Europeu ou do Leste.

Embora não fizesse parte do mundo periférico e subdesenvolvido da Espanha, no final do século. Século XIX e início do século. No século XX, também houve movimentos de educação popular. A de maior impacto foi a *Institución Libre de Enseñanza – ILE*, iniciada por volta de 1876, voltada para o ensino superior e secundário, chegando posteriormente ao ensino primário. Esse movimento, liderado por intelectuais, professores, artistas, em nome da Segunda República, criou uma proposta pedagógica inovadora, que introduziu o uso pedagógico da música, do canto, do cinema, do teatro, da pintura e de outras formas de arte, tornando o ato de ensinar e aprender um momento de conhecimento e prazer. Nessa segunda etapa do movimento, em 1931, os membros, por meio das chamadas "Missões Pedagógicas", direcionaram suas atividades principalmente para o mundo rural, considerado carente de escolas e estudos. Até 1930, a Espanha tinha 40% da população analfabeta, principalmente nas áreas rurais.

Infelizmente, esse movimento morreu no final da Guerra Civil Espanhola (1936-1939) com uma tendência conservadora, vencendo a guerra, no final, acabou com o que ainda existia desse movimento inovador.

Nosso objetivo com este ponto introdutório é destacar a importância da Educação em todos os períodos da vida humana na terra, desde a chamada Idade Antiga, até os nossos dias na Idade Contemporânea, sempre enfatizando o reconhecimento do ato de estudar, para o desenvolvimento econômico e social, para a superação de necessidades, para a melhoria das relações sociais. No entanto, apesar desse discurso, sabemos que existem regiões inteiras no mundo, como a África, partes da América Latina, com educação precária. O Brasil, com seu modelo de desenvolvimento desigual e excludente, tem o sul do país, com baixas taxas de analfabetismo, pouco mais de 3%; diferente do Nordeste, com 14,2%, o dobro da média nacional de 7,0%. Daí nossa intenção de resgatar as experiências de Educação Popular, ocorridas no Brasil na década de 1950 e início da década de 1960, não apenas para resgatar a memória desses movimentos, mas também para mostrar a viabilidade de possíveis soluções para esse fato.

## 2 MOVIMENTOS DE EDUCAÇÃO POPULAR NO BRASIL

No Brasil, após a Segunda Guerra Mundial, particularmente no período entre a década de 1950 e o início da década de 1960, houve uma pluralidade de movimentos educacionais e de cultura popular, tanto por iniciativa dos governos estaduais e municipais, quanto de outras instituições, como a Igreja Católica. Buscou-se alternativas, fora da escola tradicional, para mitigar o analfabetismo no país, produto da desigualdade social, fruto de uma sociedade semiescravista, com extrema pobreza econômica e social. Tomando como ponto de partida o ano de 1950, identificamos um percentual de 57,2% de analfabetos no país (Ferraro, 2009) da população.

A busca por mudanças, que surgiu a partir desses movimentos, de alguma forma, reflete um contexto de predominância de governos democráticos no país. Podemos afirmar que o Estado democrático de Direito no Brasil, vigente de 1945 a 1964, foi o elemento mobilizador para o crescimento e a organização da sociedade civil, provocando mobilizações em prol de reformas estruturais, então denominadas *reformas básicas*, inclusive educacionais, necessárias ao desenvolvimento econômico, social e cultural do país.

## 2.1. As Escolas de Rádio e o MEB

Esse contexto histórico facilitou a expressão de experiências variadas e diversificadas na educação popular, no combate aos altos índices de analfabetismo no país, particularmente no estado do Rio Grande do Norte.

Em 1958, com o apoio da Arquidiocese de Natal, no âmbito do chamado *Movimento de Natal*, um pequeno grupo de padres, liderado pelo então padre, mais tarde Arcebispo, D. Eugênio de Araújo Salles, e setores da Ação Católica, iniciou uma experiência de Educação Popular, utilizando uma emissora de rádio, a Estação de Educação do Campo, concessão obtida junto à União. com o objetivo de ensinar a ler e escrever às populações rurais. Posteriormente, *foram criadas as Rádio-Escolas*, com alcance em grande número de municípios do RN. Em 1959, realizou-se em Natal (RN) o II Encontro dos Bispos do Nordeste, ocasião que permitiu aos Bispos verem *in loco* a exitosa experiência da Educação Popular pelo rádio, que na época contava com mais de 300 escolas.

Esse movimento não se limitou ao ato exclusivo de ensinar, envolveu a população das cidades do interior, que possuíam escolas de rádio, em muitas outras atividades recreativas e de conscientização política. Como nas atividades desenvolvidas pelo ILE, também aqui foram utilizados vários meios recreativos mais simples, mas foram desenvolvidas danças, cantos, músicas, festivais religiosos, etc. Ressaltamos ainda que esse movimento educativo se baseou em três pilares: a professora-locutora (todas mulheres), que estavam na Estação de Educação do Campo, em Natal, transmitindo as aulas pelo rádio; os monitores, que ficavam localizados nos diversos locais onde as escolas estavam instaladas, agilizando as aulas que eram transmitidas; e as rádios, um instrumento pedagógico por excelência, já que cada escola tinha um rádio, doado pela Igreja.

As escolas funcionavam em diferentes ambientes: casas de alunos, casas de monitores, instalações de igrejas, sindicatos, debaixo de árvores, ao ar livre, sempre que possível.

Após o Segundo Encontro, os bispos presentes se entusiasmaram e pediram ao Governo Federal um acordo que estendesse a experiência a todas as regiões brasileiras necessitadas de alfabetização. O Governo ajudaria financeiramente e a Igreja forneceria a estrutura que já existia, estendendo-a às outras dioceses que a solicitassem. Essa reivindicação demorou um pouco e, em 1960, no I Encontro de Educação Básica, realizado em Aracaju (SE), promovido pela Representação Nacional das Rádios Católicas (RENEC), o assunto voltou à tona, com mais empenho. Em 1961, foi assinado um acordo de 5 anos entre a Igreja Católica e o Governo Federal. Como consequência, houve uma expansão das escolas e o movimento ganhou uma nova estrutura e uma nova organização. Foi criado o Movimento de Educação Básica (MEB), que atingiu outras regiões pobres do país, de acordo com o Convênio: Nordeste, Norte e Centro-Oeste, que apresentavam altas taxas de analfabetismo, que atingiam percentuais de até 70% na época.

Nessa nova estrutura, o MEB obteve uma Coordenação Nacional e uma Coordenadoria Estadual e foi planejada a instalação de 15.000 escolas. A Coordenação Nacional era composta por várias instituições do Governo Federal, representantes do clero e do movimento da Ação Católica.

Infelizmente, aqui também, o golpe de Estado de 1964 esvaziou o MEB, criando obstáculos à sua manutenção, prendendo muitos de seus membros e, gradualmente, o MEB encerrou suas atividades.

## 2.2 Campanha "De pé no chão você também aprende a ler"

No contexto da sociedade civil, as facções laicas, políticas, progressistas e nacionalistas, eleitas nesse processo democrático em expansão (1945-1964), favoreceram o surgimento de movimentos educacionais e de cultura popular. Na cidade de Natal (RN), por exemplo, em 1960, o prefeito eleito, Djalma Maranhão, criou uma estratégia de Comitês Nacionalistas, que reuniam pessoas por bairros da cidade, para viabilizar sua candidatura contra as forças mais conservadoras. Eles até criaram 240 *comitês nacionalistas*, que escolheram educação e cultura como prioridade do governo.

O sistema de educação pública estava em claro declínio. Faltavam escolas. O número de escolas públicas diminuiu nos últimos anos. No entanto, devido à falta de recursos, o prefeito enfrentou dificuldades para implementar reformas e melhorar a educação, como a construção de novas escolas sem recursos para isso. O prefeito eleito, Djalma Maranhão, representava as forças populares e a oposição aos governos estadual e federal, não tinha recursos para permitir a ampliação da estrutura e funcionamento das escolas.

Depois de eleito, cumprindo seus compromissos de campanha e aceitando as demandas populares, particularmente as dos *Comitês Nacionalistas*, o prefeito continuou com a prática de discutir suas ações com os membros dos Comitês Nacionalistas, que tinham ampla participação popular, bem como com intelectuais, professores, jornalistas, artistas, etc. Em uma dessas reuniões, cujo Comitê estava localizado próximo às praias, frequentadas por pescadores, pedreiros, carpinteiros, etc., surgiu a ideia de construir escolas com "palha de coco". Os pescadores costumavam construir suas "fazendas" <sup>2</sup> com o material extraído dessa planta, um tipo de palmeira, cujas folhas são pendentes, rígidas e resistentes, podendo chegar a 3 metros de comprimento.

Desse encontro surgiu a ideia de construir escolas feitas de palha de coco, viabilizando um movimento de educação democrático-popular, sob responsabilidade da Prefeitura Municipal de Natal, denominado Campanha De pé na terra também aprende a ler, o que significou uma experiência inovadora em educação, com grande participação popular, voltada para as camadas mais pobres da população da cidade de Natal. Ao contrário da experiência anterior, que foi uma iniciativa da Igreja, esta experiência educacional nasceu das lutas populares por mais educação.

Moacyr de Goés, então secretário de Educação do município, em seu livro "De Pé no Chão também se aprende a ler (1961-1964): uma escola democrática", relata esse momento do nascimento da Campanha:

A discussão foi longa. Por mais de duas horas estivemos em torno dos mesmos problemas: o analfabetismo tinha que acabar, o povo queria, o prefeito também. Mas como podemos acabar com

<sup>2</sup> "Ranchos" é o nome dado aos pequenos cais, ou construções, que os pescadores constroem para guardar seu material de trabalho e muitas vezes para conversar, já que estão localizados em frente ao mar.

o analfabetismo sem dinheiro para construir escolas? Não sei bem de quem veio a proposta, naquela reunião de 40 ou 50 homens e mulheres: - Faça uma escola de palha! (1980, pág. 35)

Ao final da reunião, a proposta foi levada ao prefeito, que a aprovou. Começou então o movimento educativo que recebeu o nome de *A campanha realista também aprende a ler*, nome retirado de uma matéria de jornal escrita sobre o movimento educacional na cidade de Natal. A execução das medidas necessárias ao seu desenvolvimento ficou a cargo da Secretaria de Educação, Cultura e Saúde, do Município, que para esse fim criou o Grupo de Trabalho de Educação Popular. O bairro das Rocas foi selecionado como área piloto para a experimentação e construção da primeira escola de palha. O Comitê Nacionalista desse bairro foi um dos participantes mais importantes das lutas e demandas populares.

A primeira escola construída foi chamada *de Acampamento Escolar Rocas* e no mesmo ano, em 1961, a prefeitura construiu outro Acampamento Escolar no bairro de Carrasco. Logo foi feita a chamada escolar com a entrada de alunos para iniciar as aulas. Em 1962, mais sete *acampamentos* foram construídos nos bairros Nordeste, Igapó, Aparecida, Quintas, Conceição, Granja e Nova Descoberta. É importante ressaltar que todos eram bairros localizados na periferia da cidade de Natal. Eram escolas construídas para as camadas pobres da população. As matrículas evoluíram rapidamente, em 1960, as "Escolinhas" atendiam 2.974 alunos, em 1961, o número total de alunos atendidos era de 5.249. Quanto à matrícula de Escolas/Acampamentos, segundo Germano (1982), é difícil de calcular devido à falta de matrícula. Goés afirma que, em abril de 1964, a matrícula geral ultrapassava 17.000 alunos. (1980, pág. 79)

Os campos tinham uma arquitetura diferente das escolas tradicionais. Eram compostas por galpões retangulares, onde funcionavam as salas de aula, medindo 30 x 8 metros, com telhados de palha e piso de barro batido, sem paredes laterais; Um telheiro circular, com as mesmas características do anterior, destinado à recreação de alunos, festas e apresentações folclóricas, e também para reuniões de pais e professores. Internamente, os galpões retangulares foram divididos em quatro salas, divididas por tábuas grossas e largas que eram usadas como ardósia de giz e tábua de parede, e também como divisórias entre as salas; Eles não chegavam ao teto, nem ao chão, não tinham o objetivo de fechar as aulas, porque, como dissemos antes, os galpões não tinham paredes laterais. Era uma escola literalmente aberta, fechada apenas no telhado pelo telhado de palha. Construção de alvenaria, restava apenas uma sala onde funcionava a mesa, secretaria, almoxarifado, entre outros, e os banheiros. (Goés, 1980). Todos os campos foram equipados com a mesma infraestrutura. As aulas eram ministradas em horários regulares, nos três turnos, de forma idêntica à educação na rede pública de ensino. À noite, funcionava como uma escola de educação de adultos.

Os professores que participaram deste experimento receberam uma variedade de treinamentos, alguns dos quais eram compostos por voluntários da comunidade e alguns por funcionários da cidade. No início, os professores eram treinados em cursos de emergência; Até 1962, a prefeitura realizou dois desses cursos: o primeiro, em 1961, participaram 250 candidatos que foram admitidos na Campanha como professores leigos; no segundo, como um grande número de pessoas se inscreveu, foi feita uma seleção preliminar, com a exigência de ensino fundamental

completo para os candidatos; 300 pessoas participaram do curso, que durou dois meses, mas apenas 250 foram utilizadas na Campanha como monitores ou professores leigos. Este curso deu maior ênfase aos três primeiros graus de educação, chamados de cursos primários, o campo de maior atividade da Campanha.

Com o aumento das matrículas de alunos, surgiu a necessidade de um maior número de professores, com melhores qualificações, e foi então criada uma escola, o Centro de Formação de Professores (CFP), em 1962, instituição que se encarregava da coordenação pedagógica da Campanha, ou como relata Goés, o Centro de Formação de Professores tornou-se o "cérebro da Campanha" (1980, p.72). Oferecia três tipos de cursos: a) Cursos Emergenciais, para a formação de professores leigos, com duração de três ou quatro meses, para atender os municípios do interior que possuíam convênio com a cidade de Natal; Ginásio Normal, com duração de quatro anos, que atendeu os professores da Campanha que já haviam frequentado os Cursos de Emergência; e a Escola Normal, em nível de ensino médio, melhorando a formação dos professores na Campanha, e também estando aberta a outras pessoas interessadas.

O Centro de Treinamento deu maior dinamismo e organização à Campanha. Além dos cursos de formação de professores, ele também era responsável pela supervisão e toda a orientação técnico-pedagógica, que era realizada semanalmente por meio de reuniões e visitas semanais. Contava ainda com um Centro de Recursos Audiovisuais, que elaborava material didático-pedagógico, e uma Escola Demonstrativa, que servia de laboratório para professores e alunos do CFP.

O material didático-pedagógico utilizado na Campanha, assim como no MEB, foi bastante diversificado. No início, o processo de ensino-aprendizagem não diferia do que existia na rede pública de ensino, aos poucos, com o amadurecimento da Campanha, o processo de ensino foi se renovando, modificando. Muito utilizado foi o "Livro de Leitura 'De Pé no Chão Também se Aprende a Ler'", uma adaptação do Livro de "Leitura para Adultos do Movimento de Cultura Popular do Recife", como está escrito na capa do livro, ou como diz o secretário de Educação da época, Moacyr de Goés, na apresentação do livro:

Este "Livro de Leitura para Adultos da Campanha Pie en el Suelo Você Também Aprende a Ler" não é uma obra original, é uma adaptação, para as condições locais do Rio G. do Norte, do "Livro de Leitura para Adultos do Movimento de Cultura Popular do Recife". Se o "Primeiro" da MCC é válido, como acreditamos, então a coisa certa a fazer é aproveitar essa experiência válida e aplicá-la uns aos outros. (1963)

Este livro, assim como o livro de leitura MEB, também fornece conteúdo muito crítico, conscientização e valorização da cultura popular em suas múltiplas interpretações. Algumas das lições são bastante esclarecedoras sobre a forma como essas expressões foram usadas, como:

É preciso formar, no Brasil, uma frente ampla, que reúna todos aqueles que trabalham para eliminar as causas da miséria do povo. O sofrimento de nosso povo é apenas uma consequência. As causas que geram esse sofrimento são mais profundas. Eles só podem ser eliminados com planejamento básico e reforma.

Ou

O folclore é o conjunto de tradições de um povo. As danças mais populares do Nordeste são: quadrilha, araruna, bambelô, chegada, bumba-meu-boi e pastoril.

O movimento da Campanha Pé no Chão Também Aprenda a Ler representou uma mudança geral na cultura da cidade. A Campanha transcendeu os limites tradicionais de atuação de nossas escolas, mobilizou toda a cidade, a cultura popular recebeu um grande incentivo e valorização, grupos folclóricos que estavam desaparecendo ressurgiram e, principalmente, as camadas mais pobres da população iniciaram um processo de apreensão e domínio dos saberes cultos, até então tão distantes. Como o MEB, é outra experiência de educação popular desmantelada pelo golpe de Estado de 1964.

### 2.3 Paulo Freire e as Quarenta Horas de Angicos (RN)

Em 1963, no conjunto de iniciativas educacionais criadas anteriormente, o Governo do Estado do RN criou a terceira experiência de educação popular, coordenada por Paulo Freire, na pequena cidade de Angicos, cidade natal do governador, denominada *As 40 Horas de Angicos*. Nesta cidade, o educador Paulo Freire aplicou seu sistema educacional em maior escala pela primeira vez. Até então, o sistema era projetado e implementado em pequenos grupos. Naquela época, ao aplicá-lo em maior escala, o educador conseguiu consolidá-lo, redimensioná-lo e adaptá-lo às necessidades de alfabetização das camadas mais pobres da população.

Em Angicos, os professores, ou *coordenadores dos círculos culturais*, como chamavam as salas de aula, orientados por Paulo Freire, iniciaram o trabalho realizando, em um primeiro momento, a chamada "*Investigação do Universo do Vocabulário*", a primeira etapa do processo de alfabetização, quando eram escolhidas as *palavras geradoras*, que dariam suporte aos debates que levariam à alfabetização e à chamada consciência.

Essas palavras foram escolhidas com base nos critérios das palavras utilizadas no cotidiano de trabalho dos alunos. Praticamente todos eles revelaram os fundamentos da prática cotidiana dessa população. Como disse Certeau (1994, p. 38), [...] a relação (sempre social) determina seus termos, e não o contrário, e que cada individualidade é o lugar onde atua uma pluralidade incoerente (e muitas vezes contraditória) de suas determinações relacionais.

Aprender a ler, portanto, deve contribuir para a emancipação desses homens e mulheres, ter relevância social, contribuindo para sua emancipação como seres humanos que constroem sua história, elevando seu nível de consciência política. As aulas não começaram até 23 de fevereiro de 1963.

Após a escolha das palavras geradoras, o grupo de alfabetizadores iniciou a primeira aula desenvolvendo o *conceito antropológico de cultura*, etapa importante para a introdução da alfabetização. Para esta etapa, os chamados "*tokens de cultivo*" foram usados. materializado em slides ou slides, que eram projetados por meio de projetores de slides, material tecnológico moderno para a época. Nessa fase não havia palavras, apenas imagens, que representavam situações de contato e transformação do homem x natureza, evidenciando as possíveis

transformações que o homem, como dono de sua vida, de sua história, pode construir a partir da natureza.

Após o trabalho com as planilhas de cultura, iniciaram-se as atividades de alfabetização propriamente ditas. A primeira palavra geradora utilizada foi a palavra bolota, objeto que faz parte da vestimenta do vaqueiro nordestino, que expressa o cotidiano do vaqueiro e também suas relações de trabalho. Nessa época, trabalhou-se a leitura e a possível descoberta de novas palavras, com leitura vertical e horizontal das sílabas das palavras. Foi também o momento de discutir seu significado no cotidiano do trabalhador, com as consequências derivadas das relações de trabalho capitalistas. Essa atividade foi amplamente explorada pelos alfabetizadores, o que possibilitou debates sobre a vida dos alunos-trabalhadores. Naquela época, os professores lideraram as discussões para trabalhar a Conscientização desses homens e mulheres carentes e explorados.

Ao final de 40 horas de atividades, os 3.006 alunos foram capazes de ler e escrever palavras, frases, bem como escrever letras curtas. Um ato revolucionário no mundo da alfabetização. Mas o mais importante é que esses estudantes-trabalhadores, em uma ação dialógica com seus professores alfabetizadores, puderam realizar uma nova leitura do mundo, onde não se viam mais como dominados, mas como senhores de suas vidas, de sua história, que foi, talvez, a etapa mais importante do processo de Alfabetização: a Conscientização.

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As experiências educacionais estudadas, ocorridas no Nordeste do Brasil nas décadas de 1950 e 1960, foram movimentos sociais populares, com tendências nacionalistas, com propostas de reformas sociais que, talvez, se não tivessem sido podadas, poderiam ter avançado mais em suas conquistas. Eram movimentos liderados por intelectuais das classes médias, católicos e não católicos, socialistas e não socialistas.

Têm um aspecto romântico, muitas vezes atribuindo à educação um papel equivocadamente de transformação, fragmentos da crença iluminista nas potencialidades regenerativas da educação (Beisiegel, 1974), mas também representam momentos de libertação, de busca progressiva por uma sociedade mais justa e humana. As três experiências tiveram como principal característica de, além de ensinar a ler e escrever, promover a CONSCIENTIZAÇÃO das pessoas, transformando-as de objetos em seres promotores de suas vidas.

O golpe de Estado de 1964 extinguiu todas as práticas de Educação Popular no Nordeste do Brasil. Paulo Freire foi para o exílio e continuou a espalhar seu sistema educacional pelo mundo, como membro integrante do Conselho Mundial da Igreja, na Suíça.

### REFERÊNCIAS

Beisiegel, Celso de Rui. (2004) Estado & educação popular. Brasília: Líber Livro ed.

Franco, Cambi. (1999). História da Pedagogia. Paulo São: Editora UNESP.

- Certeau, Michel de. (1994). A invenção da vida cotidiana: 1. As artes de fazer. Petrópolis/RJ: Vozes.
- Ferraro, Alceu Ravello. (2009). História inacabada do analfabetismo no Brasil. São Paulo: Cortez.
- Germano, José W. (1982) Leitura e Aprendizagem: A Campanha do Pé no Chão. São Paulo: Autores Associados: Cortez.
- Lyra, Carlos. As quarenta horas de Angicos: uma experiência pioneira de educação. (1996). São Paulo: Cortez Editora.
- Livro de leitura. (1963). Ficar de pé no chão também aprende a ler. Natal: [s.n.].
- Movimento de educação popular. (1965). Mutirão: 2ª leitura. Rio de Janeiro, [s.n.].
- Morais, Maria Inácia. [Carta do Monitor] Angicos/RN [196?]. In: Paiva, Marlúcia Menezes de (Org.). (2009). Rádio Escolas de Natal: uma história construída por muitos (1958 – 1966). Brasília: Líber Livro Editora.
- Paiva, Marlúcia Menezes de (Org.). (2009). Rádios Escolas de Natal: uma história construída por muitos (1958 – 1966). Brasília: Líber Livro Editora.
- Rosas, Paulo (Org.). (2002). Paulo Freire: educação e transformação social. Recife: Editorial Universitária, Ufpe.
- Silva, Carolina Tavares da. (2007). A formação da equipe pedagógica das Rádios Escolas do Rio Grande do Norte (1958-1964). TCC (Bacharelado em Pedagogia)-Curso de Pedagogia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal.
- VALOR DO VOTO. (1964) In: Educar para construir. Natal: Imprensa SAR.

#### COMO CITAR ESTE ARTIGO:

PAIVA, Marlúcia Menezes. EDUCACIÓN Y CULTURA POPULAR EN BRASIL DESPUÉS DE LA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL. *HOLOS*, [S. l.], v. 4, n. 40, [s.d.]. DOI: 10.15628/holos.2024.17409. Disponível em: <https://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/view/17409>.

#### SOBRE OS AUTORES

##### M. M. DE PAIVA

Doutora em Educação e professora do PPGED/UFRN.

E-mail: [marluciapaiva@hotmail.com](mailto:marluciapaiva@hotmail.com)

ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-1123-342X>

**Editora Responsável:** Maura Costa

**Pareceristas Ad Hoc:** José Mateus do Nascimento e Valentin Martínez-Otero Pérez



**Recebido 15 de maio de 2024**

**Aceito: 30 de junho de 2024**

**Publicado: 19 de julho de 2024**

